



ORIENTAÇÃO SEXUAL NA ESCOLA: desafios e realidade

Valdinéia Aniceto de Souza*

Isabela Augusta Andrade Souza**

RESUMO

Neste artigo buscamos a aproximação das séries iniciais do ensino fundamental que tem ocorrido de forma crescente nas últimas décadas, especialmente no que consiste à introdução de algumas temáticas, neste período oferecido pela escola, como por exemplo, a orientação sexual – e se ela é oferecida ou não nas escolas e de que forma vem acontecendo, buscamos demonstrar a importância de se trabalhar Orientação Sexual em sala de aula, e observar quais os dispositivos pedagógicos trabalhados em sala sobre sexualidade, investigando através das professoras, com base em alguns autores como Castro e Silva, Guimarães, entre outros, que abordam o tema e nos convida a fazer uma reflexão crítica acerca do tema. Neste sentido, partimos do pressuposto que o tema sexualidade não se reduz ao conhecimento das funções dos órgãos genitais, nem tampouco pode ser confundido com o ato sexual, pois este, tanto pode estar inserido num relacionamento afetivo quanto indiferente a qualquer ligação amorosa. Será focada em turmas de 1º ao 5º ano da Educação Básica de escolas da cidade de Sinop, pois neste período a escola trabalha conteúdos de ciências, envolvendo inúmeras vezes diretamente ligado ao tema Orientação Sexual. Quanto à metodologia, optamos por uma pesquisa qualitativa, utilizando-se de entrevistas semi-estruturadas. Com os resultados obtidos da pesquisa pudemos constatar que esse tema ainda apresenta controvérsias e resistências quanto ao papel da escola ser o único local de ensino para este assunto.

Palavras-chave: Educação. Educação Básica. Orientação Sexual. Sexualidade.

* Acadêmica do 7º semestre do Curso de Pedagogia, *campus* Universitário de Sinop, UNEMAT. Pertence ao Grupo de Orientação da professora Dra. Isabela Augusta Andrade Souza.

** Professora Graduada em Psicologia pela Universidade Estadual de Londrina, com Mestrado na Universidade Federal do Paraná em Psicologia e doutorado em Psicologia Social na PUC-USP. Concursada em Psicologia da Educação na UNEMAT – *campus* Universitário de Sinop.

1 INTRODUÇÃO

Este artigo busca a compreensão das séries iniciais do ensino fundamental que tem ocorrido de forma crescente nas últimas décadas, especialmente no que concerne a introdução de algumas temáticas neste período oferecido pela escola, como por exemplo, a orientação sexual – e se ela é oferecida ou não nas escolas.

No que se referem, à orientação sexual nos interessa saber, como a escola tem trabalhado esse aspecto, e se os pais e professores estão cientes da importância deste particular aspecto do desenvolvimento das crianças, afinal, segundo Britaman (1998, p. 162): “A sexualidade está presente e faz parte da nossa vida, podendo ser vista como ‘a base da curiosidade, a força que nos permite elaborar e ter idéias, bem como o desejo de ser amado e valorizado à medida que aprendemos a amar e a valorizar o outro”.

O tema ‘sexualidade’ vem sendo considerado um importante tema de estudo, fazendo parte também, nos últimos tempos, da ação pedagógica. Por isso, faz-se necessário explicitar o que se entende por sexualidade, assim como algumas distintas concepções que se colocam como pressupostos teóricos para a orientação sexual, também segundo os Parâmetros Curriculares Nacionais – PCNs.

Neste sentido, partimos do pressuposto que o tema sexualidade não se reduz ao conhecimento das funções dos órgãos genitais, nem tampouco pode ser confundida com o ato sexual, pois este tanto pode estar inserido num relacionamento afetivo quanto indiferente a qualquer ligação amorosa. Sendo assim, essa temática é o foco principal de nosso trabalho.

Partindo desse princípio, a orientação sexual implica em conhecimento da história do homem inserido na cultura, ou seja, em suas relações materiais concretas constituídas de todos os aspectos que constituem as relações desafetas, emoção, prazer, razão, solidariedade, etc.

Para pesquisar sobre este tema, ou seja, sobre a orientação sexual na escola, tivemos como objetivo verificar se a orientação sexual nas séries iniciais do ensino fundamental de uma escola de Sinop trabalha de maneira adequada segundo os PCNs.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

A orientação sexual poderia até por questão de maior convivência e por que não dizer, conveniência, acontecer primordialmente no contexto da família onde a criança está inserida. No entanto, o que se sabe, é que ainda nos dias de hoje há muita dificuldade para que isso ocorra, e com isso, muitos pais preferem nem tocar no assunto.

Teorias sobre o desenvolvimento sexual podem ser divididas em duas correntes: aquelas que tendem a dar ênfase à biologia inata (que pode ser incentivada ou inibida durante a infância) e aquelas que tendem a enfatizar a sexualidade como uma construção social (onde a sexualidade da criança será fortemente influenciada pela sociedade como um todo).

A Sexualidade é uma das mais importantes e complexas dimensões da condição humana. No mundo atual estamos continuamente assediados por um 'ambiente sexual' que se manifesta nos mecanismos de sustentação da sociedade capitalista ocidental. (NUNES, 2005, p. 5).

Ao longo dos tempos, a sociedade vem, pouco a pouco, se familiarizando e compreendendo as diferentes formas de expressão da sexualidade infantil.

A escola consagrou-se como instituição especializada em ensinar, sem, contudo resolver a polêmica relação entre a aprendizagem e o processo educativo. Por um lado, é possível vislumbrar a 'educação como um subproduto do ensino', isto é, como uma consequência previsível a partir da assimilação de certo estoque de conhecimento. Por outro, segundo Gusdorf (1970), parece bastante defensável a perspectiva do 'ensino como subproduto da educação', uma ótica que coloca a aprendizagem a serviço do alvo maior de formação do homem e, portanto, que ultrapassa a mera aquisição do saber.

Na prática, ambos os modelos correm riscos de implementação: iniciativas que, estão centradas nos princípios gerais de formação, perpetuando o universo da ignorância, prejudicando a democratização do saber e, conseqüentemente, comprometendo sua meta educativa original; outros mais comuns no sistema brasileiro, que, no afã de 'passar conteúdos', contentam-se com o acúmulo estéril de informações, desviam-se dos ideais educativos e descuidam-se do homem, perdendo a razão de ser. De qualquer forma, o resultado prejudica a educação e justifica a crise da instituição escolar, repercutindo na conformação de uma sociedade conservadora, injusta, violenta e corrompida.

A gênese social do desenvolvimento pode ser evidenciada através da identificação de mecanismos pelos quais os planos intersubjetivos permitem elevar as formas de ação individual. Leontiev (1978) diz que as ações humanas são consideradas como formas de relação do homem com o mundo, dirigidas por motivos, por fins a serem alcançados. Assim, o papel da intersubjetividade permite elevar-se no modo pelo qual ocorrem as transformações do caráter da ação.

Inicialmente, diante de um objeto inacessível, a criança apresenta os movimentos de alcançar e agarrar. Esses movimentos são naturalmente interpretados pelo adulto e, através da ação deste, o objeto é alcançado pela criança. Com isso, os movimentos da criança afetam a ação do outro e não o objeto diretamente. A atribuição de

significado que o adulto dá à ação da criança permite que este passe a transformar o movimento de agarrar em gesto de apontar. (GÓES, 1991, p.17-18).

O desenvolvimento é alicerçado, assim, sobre o plano das interações. O sujeito faz uma ação que tem inicialmente um significado partilhado. Nesse sentido, é importante desenvolvermos o conceito de ação internalizada e zona de desenvolvimento proximal para entendermos melhor que o desenvolvimento é socialmente constituído, ou seja, a criança poderá ir um pouco mais além, desempenhando tarefas em nível mais avançado com a ajuda. A capacidade de realizar determinada tarefa com a ajuda de outros ocorrerá dentro de certo nível de desenvolvimento, não antes. É a partir desses dois níveis de desenvolvimento: o real e potencial que Vygotsky (apud LEONTIEV 1991 p152) define a zona de desenvolvimento proximal.

Dessa forma, longe de ser uma mera cópia do externo, o funcionamento interno é resultante de uma apropriação das formas de ação que estão intimamente interligadas a estratégias e conhecimentos dominados pelo sujeito como, também, a ocorrências no contexto interativo.

3 METODOLOGIA

Nesta pesquisa usamos uma abordagem qualitativa para aplicação e análise dos dados. Para Minayo (2000, p. 10) essa abordagem corresponde aquelas que “são capazes de incorporar a questão do significado e da intencionalidade coerentes aos atos, as relações e as estruturas sociais”.

Sob essa vertente a realidade é dinâmica e processual, com marcos histórico. A intencionalidade e o significado humano são reproduzidos na própria emergência do real. O pesquisador torna-se integrante das manifestações estudadas. (MINAYO, 2000).

Enfocamos turmas do 1º ao 5º ano da Educação Básica de escolas municipal, estadual e privada da cidade, pois neste período a escola trabalha conteúdos de ciências, envolvendo inúmero assunto diretamente ligado ao tema Orientação Sexual.

Durante a coleta de dados, realizamos 07 entrevistas, sendo 05 da escola municipal, 01 da estadual e 01 escola privada. O local das entrevistas era nas escolas, com horário marcado, utilizamos como ferramenta, gravador e questionário. No geral podemos dizer que o método utilizado foi suficiente para alcançar nossos objetivos. No ato das entrevistas a maioria das professoras compreendendo a necessidade do diagnostico no que se refere ao tema se propuseram a conceder a entrevista sem qualquer dificuldade.

O desenvolvimento do trabalho levou em conta todo um contexto histórico-social da vida do aluno para permitir uma melhor visualização do espaço escolar e as estruturas educacionais existentes; buscando assim, a concepção de projeto, sua importância para o processo de ensino-aprendizagem e a visão educacional desenvolvida apreendendo todos os componentes presentes na prática pedagógica, da escola sobre sua forma de abordar a orientação sexual.

4 ANÁLISE DOS DADOS: orientação sexual nas escolas - realidade ou faz de conta?

Analisando os Dados

Importante salientar que por uma questão de ética em pesquisa, não iremos identificar nem o nome da escola, nem de nenhum dos entrevistados, todos serão fictícios. Todos os entrevistados são do sexo feminino, não por escolha, mas por ser uma porcentagem maior mesmo de profissionais nessa área e neste contexto pesquisado, que são as séries de 1º ao 5º ano.

4.1 PROFESSORAS FALANDO MAIS SOBRE O TEMA

Deixamos em aberto o que as professoras gostariam de acrescentar sobre essa questão abordada.

Vejamos as respostas:

(01) Ceumar: Bom, eu acho que na realidade, se formos olhar pelo que a criança precisa vivenciar, nessa, nessa idade, nós nem precisaríamos se preocupar com essa situação, nós pedagogos, mas infelizmente a realidade de nossas crianças hoje não é essa né, então de uma forma ou de outra, nós pedagogos temos que procurar este conhecimento.

(02) Carolina: Bom, é... a respeito da... do professor já, um, específico na área é muito bom, por que hoje a... nós temos aí a internet, temos a televisão, as novelas, nós sabemos que num é adequado a eles, mas que eles assistem, as vezes eles vêem por aí também cenas é...de sexualidade que não é pra eles, então eles, eles têm muitas perguntas, eles, eles tão muito é... tão curiosos, então eu acho que os professores hoje, eles deviam se, se qualificar mais a esse assunto pra atender a demanda.

(03) Betânia: Sim, que realmente seria muito importante se tivéssemos mais materiais e pessoas especializadas pra ta trabalhando com as crianças de uma forma correta.

(04) Gal: Bom, eu acho que de certa forma, nós professores, nós somos muito pouco preparado pra esse tema, até assim ó, a gente vê alguma coisa na faculdade, mas em nenhum momento a escola, ela traz isso como uma temática pra gente ta se especializando, eu acho que as próprias instituições elas deveriam investir mais na capacitação dos professores dentro da sexualidade mesmo, porque a gente é pouco preparado, agente pesquisa.

(05) Mônica: O que eu posso dizer pra você que a orientação sexual, você fazendo essa pesquisa, que ela venha assim a melhorar o ensino aprendizagem das crianças e até mesmo a... como é que eu posso te dizer? Se os professores tivessem mais bem preparados para lidar com essas situações, nas escolas. Por que assim como eu não tenho dificuldade nenhuma pra explicar, pra conversar com meus alunos, outros profissionais da educação já não tenha essa mesma, é... essa mesma habilidade de está falando sobre a orientação sexual dentro de uma sala de aula. Então, eu acredito assim que se fosse implantado, mas que também fosse preparado o profissional da educação pra que ele trabalhasse de uma maneira correta, sem inibição, sem preconceito, né. Seria muito interessante.

(06) Gadú: E, que a educação sexual ela precisa ser iniciada em casa né, essa orientação, porque a gente mexe com questões bem, é expressivas mesmo né, a gente tem que analisar que tem questões religiosas, familiar diferentes, hoje a gente tem famílias com afetivas e a escola já está recebendo alunos dessas, oriundas dessas famílias de pais separados, então elas precisam sempre, essa conversa inicial, ela precisa ser dada em casa, de repente falta um pouco de orientação da escola com os pais em relação a isso né, da escola conversar com os pais sobre essas questões que precisam ser conversadas em casa mesmo.

As professoras fizeram algumas observações relevantes nesta questão, elas alegam falta de preparo especializado para abordar esse tema, além da falta de material disponível e até mesmo levantam a questão cultural, querendo sugerir que seria a família essa o lugar para que esse ‘assunto’ fosse conversado. Vejamos na fala da professora:

(06) Gadú: E, que a educação sexual ela precisa ser iniciada em casa né, essa orientação, porque a gente mexe com questões bem, é expressivas mesmo né, a gente tem que analisar

que tem questões religiosas, familiar diferentes, hoje a gente tem famílias com afetivas e a escola já está recebendo alunos dessas, oriundas dessas famílias de pais separados, então elas precisam sempre, essa conversa inicial, ela precisa ser dada em casa, de repente falta um pouco de orientação da escola com os pais em relação a isso né, da escola conversar com os pais sobre essas questões que precisam ser conversadas em casa mesmo.

Segundo Silva (1999, v.2, p 204):

É muito comum que os pais não discutam com os filhos questões que envolvem sexualidade, gerando, silenciosamente, grande expectativa de que a escola aborde. Cumprindo em parte um papel referente à família. Se a escola não aborda essas questões com a criança ou adolescente, contudo, a tendência é encaminhar sua discussão e solução para algum outro setor, e nesse momento o que se apresenta comumente é o da saúde.

A orientação sexual neste sentido é uma necessidade básica que não deve ser separado de outros aspectos da vida. As escolas deveriam ter um compromisso de, ou preparar de fato melhor seus professores ou ter em sua rede escolar, profissionais que estivessem disponíveis para fazer esse papel científico de orientação sobre a sexualidade. Negar o fato, negar às reações corporais, a influência midiática, as mudanças de costumes e valores com consequências inclusive grave de gravidez precoce em crianças com 10, 11 anos de idade, é querer ‘tapar o sol com a peneira – e isso, as estatísticas estão cada vez mais comprovando que não dá mais para fazer de conta que essas questões não existem.

Torna-se, portanto, indispensável à escola falar sobre os mais diversos assuntos relacionados a este tema tão debatido nos dias atuais, pois o próprio significado produzido por um incentivo no campo de uma cultura e de uma sociedade, que permeia a relação com o outro e consigo mesmo.

5 CONCLUSÃO

A sexualidade do ser humano é inegável e faz parte do cotidiano das pessoas, desde a infância inclusive, onde ocorrem as primeiras descobertas corpóreas. Essa realidade é que nos motivou a pesquisar sobre o assunto, e foi o que fizemos em algumas escolas da cidade de Sinop, com observações e entrevistas, na tentativa de aproximar um pouco mais dessa temática, especialmente nas escolas que é a questão da orientação sexual como tema dos PCNS. Neste sentido, a partir dessa pesquisa, pudemos constatar que o primeiro lugar que deveria ocorrer a orientação seria na família como primeiro núcleo. Não se trata de culpabilizar alguém e sim dizer que para se desenvolver um bom trabalho sobre orientação

sexual Na escola deveria existir um comprometimento da família neste sentido, e depois na escola, tanto da direção, da coordenação e dos professores, onde estes em um esforço conjunto, a partir de um projeto de continuidade de informação – daí mais acadêmica e científica – a instituição escolar seria um suporte a mais para esta questão. No entanto, o que podemos observar é que a família não tem na maioria das vezes, cumprido seu papel.

Depois da família, a escola no papel do professor seria o grande parceiro como co-orientador. Mas na escola podemos observar que ainda nos dias atuais há dificuldades também em abordar esse tema, embora a orientação sexual faça parte dos Parâmetros Curriculares Nacionais e dos projetos pedagógicos da escola, no dia-a-dia em sala de aula.

Professores dizem não ter condições de tratar esse assunto com profundidade devido a falta de preparação para tal – e pudemos observar também, que há resistências pessoais quanto a abordar esse tema em sala de aula. Há limites pessoais e profissionais. Mesmo assim, o que vemos é que recai na escola, ou seja, no professor toda a responsabilidade.

É importante que a escola e seus educadores possam, no seu trabalho, desenvolver uma reflexão crítica sobre os diversos valores morais e suas dimensões no comportamento humano, e isso seria mais tranquilo se houvesse de fato, um curso preparatório e focado nesta temática para que os professores pudessem se preparar melhor - o que também fica claro como uma demanda desses profissionais, ou então, que houvesse um profissional na escola especializado no assunto.

SEXUAL GUIDANCE IN SCHOOL: challenges and reality

ABSTRACT¹

In this article we try to approach the initial grades in elementary school, which has happened in an increasing way in the last decades, especially concerning the introduction of some issues offered by school in that period, as for instance sexual guidance. Whether it is offered in schools or not and how it has happened. We have also tried to demonstrate the importance of sexual guidance in class observing the pedagogical sexuality devices in class. We have investigated through the teachers, based on some authors such as Castro and Silva, Guimarães, and others, who approach this subject and lead us to make a critical reflection

¹ Tradução realizada pelo aluna Marluci Paludo Zucchi, do Curso de Pedagogia – UNEMAT/Sinop e revisão pela professora Maria Amélia [Meloca] Conter de São José, do Curso de Letras – UNEMAT/Sinop. (CRLE – Revista **Eventos Pedagógicos**).

about it. So, we have started from an assumption that this subject does not refer only to the knowledge of the genital organ functions and must not be mistaken with the sexual act, cause it can either be inserted in an affective relationship or be apart any love connection. This study will focus on 1st to 5st grade groups of elementary public schools in Sinop because during these grades the schools work science contents involving several issues directly linked to this theme. We have chosen a qualitative research using semi-structured interviews. With the resulting data of this research we could conclude that this subject still presents controversies and resistances about the role the school for being the only place where this subject is taught.

Keywords: Education. Basic Education. Sexual Guidance. Sexuality.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais:** terceiro e quarto ciclos: apresentação dos temas transversais. Brasília: MEC/SEF, 1998.

BRITZMAN, Deborah P. Sexualidade e cidadania democrática. In: SILVA, Luiz Heron. **A escola cidadã no contexto da globalização.** Petrópolis: Vozes, 1998. P 154-171.

GÓES, Maria Cecília. A natureza social do desenvolvimento psicológico. In: **Cadernos Centro de Estudos Educação e Sociedade – CEDES:** Pensamento e Linguagem: estudos na perspectiva da psicologia soviética. 2. ed, São Paulo: Papirus, 1991, p.17-24.

GUSDORF, Georges. **Professor para que?** Lisboa: Martins Fontes, 1970.

LEONTIEV, Alexis. **Psicologia e pedagogia:** as bases psicológicas da aprendizagem e do desenvolvimento. São Paulo: Moraes, 1991.

MINAYO, M. C. de S. **O desafio do conhecimento:** pesquisa qualitativa em saúde. 7. ed. São Paulo: Hucitec, 2000. 269 p.

NUNES, Cesar. **Desvendando a Sexualidade.** 7.ed. Campinas: Papirus, 2005.

SILVA, Ricardo de Castro e. **Orientação sexual: possibilidade de mudança na escola.** Campinas, SP: Mercado de Letras, 2002. (Coleção Dimensões da Sexualidade).